



Educação a Distância como Política de Inclusão: Trajetória, Fundamentos Pedagógicos e Impactos Sociais

Distance Education as an Inclusion Policy: Trajectory, Pedagogical Foundations, and Social Impacts

Elisiário da Silva Araújo

Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University.

Geraldo Tacidálio Fernandes

Doutor em Linguística pela UFPE, Mestre em Linguística pela PUC-SP/UFC. Professor Veni Creator Christian University e do IFRN.

Resumo: Este trabalho analisa a trajetória, os fundamentos conceituais, as perspectivas e os impactos da Educação a Distância (EaD), ressaltando sua evolução histórica desde o ensino por correspondência até os atuais ambientes virtuais interativos. Aborda-se a relevância da EaD no cenário brasileiro, destacando o respaldo legislativo, a democratização do acesso ao ensino superior e sua aceitação pelo mercado de trabalho. O estudo enfatiza ainda a qualidade da modalidade, especialmente no que se refere ao design instrucional, à usabilidade das plataformas e às interações pedagógicas. São discutidos os fatores determinantes da satisfação acadêmica, da motivação, da autoeficácia e da permanência estudantil, ressaltando a articulação entre aspectos pedagógicos, estruturais, pessoais e culturais. Conclui-se que a EaD não deve ser compreendida como alternativa secundária, mas como modalidade autônoma e transformadora, essencial para a inclusão social e o fortalecimento da educação no século XXI.

Palavras-chave: educação a distância; ensino superior; design instrucional; satisfação acadêmica; permanência estudantil.

Abstract: This paper analyzes the trajectory, conceptual foundations, perspectives, and impacts of Distance Education (EaD), highlighting its historical evolution from correspondence teaching to today's interactive virtual environments. It addresses the relevance of EaD in the Brazilian context, emphasizing its legal framework, the democratization of access to higher education, and its acceptance by the labor market. The study also focuses on the quality of this modality, particularly regarding instructional design, platform usability, and pedagogical interactions. Determinants of academic satisfaction, motivation, self-efficacy, and student retention are discussed, stressing the articulation of pedagogical, structural, personal, and cultural factors. It concludes that EaD should not be seen as a secondary alternative, but as an autonomous and transformative modality, essential for social inclusion and the strengthening of education in the 21st century.

Keywords: distance education; higher education; instructional design; academic satisfaction; student retention.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) consolidou-se, ao longo dos últimos dois séculos, como uma das modalidades mais dinâmicas e inovadoras do campo

educacional. O percurso histórico da EaD evidencia um processo de constante transformação, fortemente vinculado às mudanças tecnológicas, sociais e culturais, que a projetaram de simples cursos por correspondência, no século XIX, aos atuais ambientes virtuais de aprendizagem, caracterizados pela interatividade, multimodalidade e alcance global. Mais do que uma alternativa ao ensino presencial, a EaD assumiu, nas últimas décadas, um papel estratégico na democratização do acesso ao conhecimento, no fortalecimento de políticas públicas de inclusão e na flexibilização dos processos formativos diante das novas demandas do século XXI.

No Brasil, essa trajetória não se deu de forma linear. Desde as primeiras experiências com cursos profissionalizantes por correspondência no início do século XX, passando pelo rádio educativo e pela televisão nas décadas de 1930 a 1980, até a explosão dos cursos online mediados pela internet a partir dos anos 1990, a EaD sempre refletiu os avanços tecnológicos e as necessidades sociais do país. O marco legal da modalidade, consagrado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e ampliado pelo Decreto nº 9.057/2017, garantiu o respaldo jurídico necessário à sua consolidação, especialmente no ensino superior, com destaque para a criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), em 2006, que ampliou o acesso gratuito à formação universitária em regiões antes desassistidas.

Além do impacto histórico e político, a EaD também suscita discussões relevantes no campo pedagógico e psicológico. A literatura especializada aponta que a eficácia da modalidade não depende apenas do suporte tecnológico, mas da qualidade do design instrucional, da mediação docente, do engajamento discente e da capacidade de promover interações significativas. Autores como Moore (1993), Belloni (2009) e Moran (2002) destacam que a essência da EaD está justamente na superação da “distância” – física, cognitiva e social – por meio de estratégias pedagógicas inovadoras. Nesse sentido, a satisfação acadêmica, a motivação intrínseca, a autoeficácia e o sentimento de pertencimento revelam-se variáveis decisivas para explicar tanto a permanência quanto o sucesso dos estudantes nessa modalidade.

A emergência da pandemia de covid-19, em 2020, intensificou ainda mais esse debate. De forma inesperada, milhões de estudantes e professores migraram para o ensino remoto, evidenciando fragilidades, mas também confirmando o potencial da EaD como protagonista na reconfiguração dos sistemas educacionais. Essa experiência acelerou o uso de tecnologias digitais, ampliou a aceitação social da modalidade e mostrou que a EaD não é um recurso emergencial, mas um caminho legítimo e irreversível da educação contemporânea.

Diante desse contexto, o presente estudo tem por objetivo analisar a evolução histórica, os fundamentos conceituais e pedagógicos, bem como os impactos sociais da EaD, com especial atenção aos fatores determinantes da satisfação e da permanência estudantil. Pretende-se demonstrar que a EaD deve ser compreendida não como uma alternativa secundária ou substitutiva do ensino presencial, mas como modalidade autônoma, capaz de promover inclusão social, flexibilidade formativa e inovação pedagógica, consolidando-se como um dos pilares centrais da educação brasileira no século XXI.

TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EAD: DA CORRESPONDÊNCIA À ERA DIGITAL

A Educação a Distância (EaD) tem uma trajetória marcada por constantes transformações tecnológicas e pedagógicas. Suas primeiras raízes encontram-se no ensino por correspondência, surgido no século XIX, com a expansão dos sistemas postais. Em 1840, na Inglaterra, Isaac Pitman passou a ensinar taquigrafia por correspondência, enquanto, nos Estados Unidos, a Universidade de Illinois iniciou cursos semelhantes na década de 1870.

Entre as décadas de 1920 e 1950, diversas universidades passaram a utilizar o rádio educativo como ferramenta de disseminação do conhecimento. Já entre 1950 e 1980, a televisão se consolidou como meio de ensino, sendo exemplo marcante a criação da The Open University, no Reino Unido, em 1969, que revolucionou a EaD com um modelo de ensino aberto e recursos audiovisuais.

No Brasil, os primeiros registros datam de 1904, quando o Instituto Rádio Monitor e outras instituições ofereceram cursos profissionalizantes por correspondência. A partir da década de 1930, o rádio passou a ser utilizado para alcançar regiões remotas, e, entre os anos 60 e 80, destacou-se a televisão educativa, com projetos como a Universidade do Ar e a TV Escola, que viabilizaram transmissões educativas de amplo alcance.

Com o advento da internet, nos anos 1990, a EaD entrou em uma nova fase, caracterizada pelo surgimento de plataformas de e-learning e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) (Moore & Kearsley, 2012). No Brasil, a modalidade foi consolidada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), expandindo-se para o ensino superior a partir de 2005, sobretudo por meio do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), instituído em 2006, que democratizou o acesso ao ensino público a distância. Belloni (2019) destaca que a EaD foi adotada como instrumento para ampliar o acesso à educação, especialmente em regiões com menor infraestrutura educacional.

Nas últimas décadas, com o avanço das tecnologias digitais, universidades e instituições privadas passaram a investir fortemente em plataformas virtuais. Gomes e Oliveira (2018) ressaltam que o Moodle é um dos ambientes mais utilizados no Brasil, possibilitando que alunos de diferentes regiões tenham acesso a materiais interativos e professores capacitados.

A expansão da EaD ganhou ainda mais impulso durante a pandemia de covid-19, em 2020, quando a adesão massiva ao ensino remoto consolidou essa modalidade como protagonista no cenário educacional brasileiro e mundial (Belloni, 2009). Assim, a EaD revela uma história dinâmica e contínua, que evoluiu do ensino por correspondência do século XIX até os sofisticados ambientes virtuais interativos da atualidade, transformando-se em um mecanismo central de democratização do conhecimento e de inclusão social.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONCEITOS, PERSPECTIVAS E IMPACTOS

O conceito e a práxis da EaD tem se construído no decorrer de épocas, culturas e ferramentas disponíveis. Nesse contexto, o conceito de distância foi se ressignificando e, conseqüentemente, criando uma nova perspectiva para a educação.

Nesse sentido, Amarilla (2011) fundamenta que o sentido de “distância”, dentro de um processo de ensino-aprendizagem, pode ser entendido a partir de três relações: a distância entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-material, compreendendo que o termo distância tenha, dentro desse processo, uma definição relativa, pois a sensação de distância tem a mesma métrica que a distância espacial, isto é, um aluno, um professor, embora presente, pode estar mais distante dos seus pares do que aqueles ausentes (Amarilla, 2011, p. 48).

Corroborando essa abordagem, Vilaça (2010) compreende que a distância deve ser compreendida basicamente como separação geográfica entre participantes do processo educacional, sejam estes alunos ou professores e exemplifica que, em aulas por videoconferência, é comum que os alunos estejam juntos, mas em lugar diferente do professor, mas já quando o estudo ocorre pela internet, é comum que alunos e professores estejam em locais diferentes e acessem o curso e os materiais e recursos didáticos em momentos diferentes (Vilaça, 2010, p. 91). Com esse sentido, a distância entre professor e aluno refere-se à separação geográfica ou local entre eles, considerando-se que, em algumas situações, possam estar presentes no mesmo espaço físico, mas com a sensação de distância, devido a fatores como comunicação limitada ou falta de interação.

Pode-se falar também de distância entre aluno e aluno, que envolve a separação entre os próprios alunos, mas que também essa distância não é apenas física, uma vez que pode ser percebida com base na interação e colaboração entre os estudantes. Já a distância entre aluno e material relaciona-se à separação entre o aluno e os materiais de aprendizagem, como livros, recursos digitais ou conteúdo online, pois mesmo que o material esteja disponível remotamente, a sensação de distância pode se estabelecer, tendo em vista que a comunicação e a mediação desempenham um papel crucial na interação entre as pessoas. Entendendo-se que uma maior autonomia e colaboração entre os participantes é fundamental, as tecnologias digitais têm se tornado cada vez mais importantes como recursos mediadores nesse contexto, uma vez que elas permitem conexões instantâneas, compartilhamento de informações e colaboração em escala global.

Considerando-se as diversas conotações de distância no contexto educacional, os conceitos de EaD têm se fundado sob diversas óticas. Keegan (1996) entende que a característica essencial da Educação a Distância é a separação física entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem, que a distingue do ensino tradicional presencial. Já Moran (2002) compreende que a Educação a distância não é apenas uma técnica de transmissão de conteúdos, mas uma forma de

reorganizar o processo de aprendizagem, colocando o aluno como sujeito ativo, em conexão com os outros e com o conhecimento, mediado pela tecnologia. Por sua vez, Belloni (2009) considera que a educação a distância é uma modalidade educacional em que a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos, contribuindo com o entendimento de Moore e Kearsley (2012), quando concebem a Educação a distância como uma forma planejada de ensino e aprendizagem em que o ensino ocorre separadamente do aprendizado, exigindo comunicação por meio de tecnologias e design instrucional especialmente elaborado.

É também relevante considerar que, no âmbito oficial, a concepção de educação a distância tem avançado em função dos recursos e ferramentas disponíveis em cada época. De acordo com a Legislação Brasileira (MEC/LDB – Lei 9.394/1996, Art. 80), a educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação; já conforme o Decreto nº 9.057/2017, a definição oficial de EAD se encerra nos seguintes termos:

Art. 1o Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (Brasil, 2017).

Na atualidade, a EaD envolve o uso de tecnologias para promover a aprendizagem em ambientes virtuais, permitindo que alunos e educadores interajam, independentemente, de suas localizações físicas, por meio de dispositivos digitais, plataformas de aprendizado online, aplicativos educacionais e recursos multimídia, que estão integrados ao ensino, facilitando um aprendizado mais interativo e personalizado e trazendo benefícios, como maior engajamento e motivação dos alunos, mas também desafios, como a necessidade de preparar educadores para usar efetivamente essas tecnologias. Não é somente a presença de tecnologia em sala de aula que garante um ensino inovador, pois a qualidade da educação é influenciada por diversos outros fatores, incluindo a abordagem pedagógica, o engajamento dos alunos e a formação dos professores.

Fundamenta Vilaça (2010, p. 96) que a inovação no ensino pode ocorrer mesmo em contextos considerados tradicionais, já que um professor pode adotar métodos criativos de ensino, promover a participação ativa dos alunos ou adaptar o conteúdo para atender às necessidades individuais, dependendo ou não da tecnologia; uma vez que ela é apenas uma ferramenta, e sua eficácia depende de como é aplicada e integrada ao processo educacional. Dessa forma, a inovação

no ensino não está restrita à presença ou ausência de tecnologia, tendo em vista que ela envolve uma mentalidade aberta à experimentação, à reflexão constante e à busca contínua por melhores práticas pedagógicas, mantendo o equilíbrio entre tradição e inovação, para que se possa promover uma educação de qualidade.

Na educação a distância, o aluno desempenha um papel fundamental na configuração e no sucesso desses cursos, pois é a partir do perfil dos alunos que as instituições projetam e elaboram os cursos. Principalmente, antes de qualquer intervenção da tecnologia, a educação a distância ocorria sem a presença do professor, na qual todo o material instrucional era enviado por correio e que o aluno deveria realizar seus estudos de forma individual e autônoma, a partir do material recebido, geralmente impresso, que havia sido preparado especialmente para aquele curso, com o envio posterior, pelo aluno, de lições ou trabalhos por correspondência (Garcia & P. M. Carvalho, 2015, p. 210). Assim, não existia a relação próxima entre o aluno e o professor, não existiam momentos para interação e retirada de dúvidas, por parte dos estudantes. O processo se resumia à demonstração dos resultados do aprendizado dos alunos e à apresentação das respostas das provas, assemelhando-se o professor da EAD ao professor do ensino presencial.

Atualmente, o professor na EAD desempenha um papel fundamental, assim como no ensino presencial, cujas funções vão desde a criação de conteúdo, com elaboração de materiais didáticos de qualidade, além de acompanhamento do desempenho, monitoração do progresso dos alunos e suporte, quando necessário. Para isto, o professor deve promover a revisão e o aprimoramento, constantemente; revisar e melhorar o material disponibilizado, explorando metodologias inovadoras, na busca de novos métodos de construir conhecimento, mediando o conhecimento e adaptando o conteúdo para que os alunos internalizem plenamente os conteúdos abordados.

A Comunicação e a troca de conhecimento através da rede de computadores e outros dispositivos móveis têm, de fato, encurtado as distâncias e ampliado as oportunidades de aprendizado. A internet e a conectividade global têm permitido que pessoas de diferentes partes do mundo compartilhem informações, ideias e experiências quase instantaneamente, o que tem impactado significativamente na Educação e plataformas de ensino online, tutoriais em vídeo e fóruns, por permitir que estudantes acessem conteúdo educacional de alta qualidade, independentemente de sua localização geográfica, bem como a colaboração entre pesquisadores e acadêmicos que se tornou mais facilitada por meio de conferências virtuais e redes de pesquisa.

No cenário brasileiro, a EaD ganhou relevância tanto pelo respaldo legislativo quanto pelo impacto social e educacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996, art. 80) já preconizava essa modalidade como alternativa viável de ensino, posteriormente regulamentada pelo Decreto nº 9.057/2017, que definiu oficialmente a EaD como um processo educativo mediado por tecnologias digitais, envolvendo profissionais qualificados, políticas de acesso e formas de avaliação compatíveis (Brasil, 2017).

Paralelamente, o crescimento da EaD no Brasil tem sido expressivo. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2021, houve um aumento de 474% em uma década, sendo a rede privada a principal responsável pela expansão (Brasil, 2023). Essa tendência revela não apenas a adesão institucional, mas também a aceitação do mercado de trabalho, que reconhece a validade e a qualidade dos diplomas obtidos a distância. A pesquisa da Vitru Educação, por exemplo, indica impactos positivos diretos na empregabilidade, salários e acesso ao primeiro emprego por parte dos egressos da modalidade. Além disso, o Censo EAD.BR de 2023 reafirma a consolidação da EaD como uma via fundamental de democratização do acesso ao ensino superior (ABED, 2023).

INTERAÇÕES PEDAGÓGICAS, TEORIAS E QUALIDADES DAS EAD

O papel do professor e do tutor é, nesse contexto, fundamental. Se, em sua fase inicial, a EaD resumia-se ao envio de materiais impressos e estudo autônomo, hoje exige do docente funções que incluem elaboração de conteúdos, acompanhamento constante, feedback contínuo e estímulo à participação ativa dos alunos (Garcia & Carvalho, 2015). Como defendem Castro e Gouvêa (2017), a mediação pedagógica e a interação são elementos cruciais para a efetividade da modalidade.

No mesmo campo, Moore (1993) propôs a Teoria da Distância Transacional, destacando que a aprendizagem em EaD não depende exclusivamente da distância física entre professores e alunos, mas principalmente da qualidade das interações pedagógicas estabelecidas. O autor identifica três tipos de interação fundamentais: a interação aluno-conteúdo, essencial para a construção individual do conhecimento; a interação aluno-professor, que reforça a motivação e reduz a sensação de isolamento; e a interação aluno-aluno, que estimula a colaboração e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.

Estudos posteriores reforçam esse entendimento. Borup *et al.* (2014) demonstraram que a comunicação frequente, o feedback significativo e a personalização do ensino são elementos decisivos para o desempenho e a permanência dos estudantes. A manutenção de canais de comunicação abertos, como fóruns, mensagens e videoconferências, reduz o distanciamento típico da EaD e fortalece o vínculo pedagógico, ampliando o engajamento.

A eficácia da EaD, contudo, está condicionada a múltiplos fatores, como a qualidade do material didático, o design instrucional, o suporte pedagógico, a mediação constante e o uso adequado das tecnologias. Bernard *et al.* (2009) demonstram, em meta-análises, que os resultados da aprendizagem em EaD podem ser equivalentes, ou até superiores, aos do ensino presencial, especialmente quando se utilizam recursos multimídia e estratégias interativas. Pimentel (2016) reforça que a eficácia da modalidade depende de um planejamento pedagógico robusto e do uso qualificado de ferramentas digitais. Já Oliveira (2015) destaca a importância da EaD para a inclusão social e a democratização do ensino superior, sobretudo em regiões remotas ou para estudantes com restrições socioeconômicas.

SATISFAÇÃO ACADÊMICA, AUTOEFICÁCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A satisfação acadêmica é um conceito complexo, que atravessa diferentes dimensões do sentir, do pensar e do agir humano. Conforme ressalta Chagas (2012), não há consenso na literatura sobre sua definição, mas pode-se entendê-la como a experiência real em que as expectativas do indivíduo são atendidas, como já afirmara Hom (2002, citado por Chagas, 2012).

No âmbito da EaD, Chagas e Pedro (2014) identificam fatores determinantes da satisfação estudantil, como interações interpessoais, sentimento de pertencimento a uma comunidade, desempenho docente, feedback contínuo e motivação intrínseca. Um dos aspectos centrais dessa experiência é a qualidade do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Santos *et al.* (2014) enfatizam que a estabilidade, navegabilidade e responsividade do AVA são determinantes para reduzir barreiras técnicas e garantir fluidez no estudo.

A EaD constitui-se, portanto, como um modelo pedagógico que demanda maior autonomia do estudante, exigindo que elementos como motivação intrínseca, autoeficácia e suporte social sejam devidamente estruturados para garantir tanto a aprendizagem quanto a permanência nos cursos. Nesse contexto, a interação entre os estudantes desempenha papel essencial para a construção de um ambiente de aprendizagem significativo, engajador e socialmente estimulante, reduzindo o isolamento peculiar dessa modalidade de ensino e promovendo o sentimento de pertencimento (Santos *et al.*, 2014). Bandura (1997) enfatiza a autoeficácia como um dos fatores determinantes para a resiliência e a persistência do estudante diante das dificuldades.

Como uma modalidade educacional em expansão, efetividade da EaD resulta da interação de múltiplos fatores que influenciam diretamente a experiência e a satisfação dos estudantes. O design instrucional, entendido como a forma de organização de conteúdos, atividades e recursos pedagógicos, constitui elemento central para a construção de um ambiente de aprendizagem eficiente. Além dos aspectos pedagógicos e tecnológicos, a experiência na EaD é influenciada por fatores pessoais e estruturais, como autodisciplina, autonomia, acesso à internet, credibilidade do curso e suporte institucional, além da dimensão cultural, que também exerce influência relevante sobre a percepção e a relação dos estudantes com a EaD, em que culturas orientadas para objetivos de longo prazo valorizam a perseverança, o planejamento e a melhoria contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da Educação a Distância, desde suas origens no ensino por correspondência até a consolidação dos atuais ambientes virtuais de aprendizagem, demonstra que se trata de uma modalidade marcada por constante adaptação e inovação. Ao longo de quase dois séculos, a EaD acompanhou o desenvolvimento

das tecnologias da comunicação e da informação, incorporando novos recursos pedagógicos e ampliando progressivamente seu alcance.

No contexto brasileiro, a modalidade consolidou-se como uma política pública essencial para democratizar o acesso ao ensino superior e à formação continuada, sobretudo em regiões geograficamente afastadas ou em comunidades com menor infraestrutura educacional. O respaldo legislativo, especialmente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e o Decreto nº 9.057/2017, fortaleceu sua institucionalização, permitindo que universidades públicas e privadas estruturassem programas robustos e reconhecidos. O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), criado em 2006, é um exemplo emblemático dessa função democratizadora.

Os estudos analisados evidenciam que a eficácia da EaD está diretamente associada a múltiplos fatores interdependentes: qualidade do design instrucional, clareza e aplicabilidade dos materiais, usabilidade das plataformas digitais, suporte pedagógico contínuo e interação significativa entre docentes e discentes. A Teoria da Distância Transacional, proposta por Moore, bem como o modelo *Community of Inquiry*, de Garrison e Anderson, demonstram que a qualidade da mediação pedagógica e da presença social são determinantes para superar as barreiras do distanciamento físico.

Outro aspecto fundamental para a consolidação da EaD refere-se à satisfação acadêmica, à motivação intrínseca e à autoeficácia dos estudantes, elementos diretamente relacionados à permanência e ao sucesso nos cursos. A literatura demonstra que a evasão é frequentemente explicada pela ausência de suporte adequado, falhas técnicas ou dificuldades de autorregulação, o que evidencia a necessidade de investimentos institucionais em acompanhamento pedagógico, formação docente e infraestrutura tecnológica.

É igualmente importante destacar a dimensão cultural, que influencia a forma como os estudantes percebem a modalidade, estabelecem rotinas de estudo e atribuem valor à aprendizagem continuada. No Brasil, a valorização da flexibilidade e a necessidade de conciliação entre estudo, trabalho e vida pessoal fazem da EaD uma alternativa estratégica para a ampliação do acesso educacional.

Por fim, a experiência recente da pandemia de COVID-19 consolidou a EaD como protagonista no cenário educacional global, acelerando processos de inovação e evidenciando seu potencial transformador. Mais do que uma resposta emergencial, a EaD revelou-se uma modalidade autônoma, dotada de identidade própria, que não deve ser entendida como substitutiva ou inferior ao ensino presencial, mas como complementar e, em muitos casos, superior em termos de alcance, flexibilidade e inclusão social.

REFERÊNCIAS

ABED – **Associação Brasileira de Educação a Distância**. Censo EAD.BR 2023: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil. São Paulo: ABED, 2023.

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. **Formação de educadores a distância: fundamentos, metodologias e experiências.** São Paulo: Loyola, 2011.

ALMEIDA, M. E. B.; MORAES, M. C. **Educação a distância no Brasil: fundamentos, práticas e perspectivas.** Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

AMARILLA, R. L. **Educação a distância: conceitos, fundamentos e história.** São Paulo: Cortez, 2011.

BANDURA, A. **Self-efficacy: The exercise of control.** New York: W. H. Freeman, 1997.

BELLONI, M. L. **Educação a distância.** 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

BELLONI, M. L. **Educação a distância: tecnologia e aprendizagem.** Campinas: Autores Associados, 2019.

BERNARD, R. M. *et al.* **A meta-analysis of three types of interaction treatments in distance education.** American Educational Research Journal, v. 46, n. 4, p. 1.241-1.287, 2009.

BORUP, J.; WEST, R. E.; GRAHAM, C. R. **Improving online social presence through asynchronous video.** The Internet and Higher Education, v. 15, n. 3, p. 195-203, 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da LDB, dispondo sobre a educação a distância. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 maio 2017.

BRASIL. **Censo da Educação Superior 2021.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Brasília, DF: MEC, 2023.

CASTRO, A. C.; GOUVÊA, M. C. S. **Mediação pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem.** Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 69, p. 105-124, 2017.

CHAGAS, A. M. S. **Satisfação acadêmica em cursos de graduação.** Revista de Estudos em Educação, v. 10, n. 2, p. 87-102, 2012.

CHAGAS, A. M. S.; PEDRO, F. **Satisfação acadêmica em cursos de EaD.** Educação em Revista, v. 30, n. 4, p. 51-70, 2014.

COSTA, F. J. **Evasão em cursos a distância: determinantes e estratégias de enfrentamento.** Revista Avaliação, v. 21, n. 2, p. 543-568, 2016.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness.** New York: Guilford Press, 2000.

- DROUIN, M. **The relationship between students' perceived sense of community and satisfaction, achievement, and retention in an online course.** Quarterly Review of Distance Education, v. 9, n. 3, p. 267-284, 2008.
- GARCIA, C. M.; CARVALHO, A. F. **O papel do tutor na educação a distância.** Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, v. 14, n. 1, p. 15-28, 2015.
- GARRISON, D. R.; ANDERSON, T. **E-learning in the 21st century: A framework for research and practice.** 2. ed. New York: Routledge, 2003.
- GARRISON, D. R.; ANDERSON, T.; ARCHER, W. **Critical inquiry in a text-based environment: Computer conferencing in higher education.** The Internet and Higher Education, v. 2, n. 2-3, p. 87-105, 2000.
- GOMES, C. S.; OLIVEIRA, J. A. **Educação a distância e tecnologias digitais: o uso do Moodle no Brasil.** Revista Educação & Tecnologia, v. 22, n. 1, p. 77-95, 2018.
- HOFSTEDE, G. **Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations.** 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2001.
- KEEGAN, D. Foundations of distance education. 3. ed. London: Routledge, 1996.
- MACHADO-DA-SILVA, F. N. *et al.* Quality in distance education: A study on students' perceptions. Revista de Administração Contemporânea, v. 18, n. 6, p. 874-896, 2014.
- MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias.** São Paulo: Papirus, 2015.
- MORAN, J. M. **A educação presencial e a distância.** Revista Brasileira de Educação a Distância, v. 1, n. 1, p. 7-18, 2002.
- MOORE, M. G. **Theory of transactional distance.** In: KEEGAN, D. (org.). Theoretical principles of distance education. New York: Routledge, 1993.
- MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Distance education: A systems view of online learning.** Belmont: Wadsworth, 2012.
- OLIVEIRA, R. M. **Educação a distância e inclusão social no Brasil.** Revista Educação em Foco, v. 18, n. 2, p. 45-62, 2015.
- PIMENTEL, F. A. **Educação a distância e inovação pedagógica: perspectivas e desafios.** Revista Educação e Sociedade, v. 37, n. 135, p. 485-501, 2016.
- PMC – PubMed Central. **Peer support and academic self-efficacy in distance education: findings and implications.** Bethesda: U.S. National Library of Medicine, 2023.
- RICHARDSON, J. C. *et al.* **Social presence in online learning: A critical review of the research.** Distance Education, v. 38, n. 2, p. 136-171, 2017.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. **Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being.** American Psychologist, v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000.

SANTOS, A. C. *et al.* **Interação e satisfação em ambientes de EaD.** Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, v. 13, n. 2, p. 53-74, 2014.

SCHUBERT, I.; IRASTORZA, R.; FABRY, A. **Cognitive feedback in online education.** Journal of Educational Technology, v. 8, n. 4, p. 215-229, 2011.

VILAÇA, M. L. **Educação a distância e interação: teoria e prática.** Rio de Janeiro: LTC, 2010.